

LEITURA-EXPERIÊNCIA E NARRATIVAS SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

READING-EXPERIENCE AND NARRATIVES FROM THE PERSPECTIVE OF THE FIELD EDUCATION TEACHER

LECTURA-EXPERIENCIA Y NARRATIVAS DESDE LA PERSPECTIVA DEL DOCENTE DE EDUCACIÓN DEL CAMPO

Carlos Marcelo Cavalheiro Félix¹
Sandra Monteiro Lemos²

RESUMO

O presente artigo descreve alguns dos conceitos de leitura, experiência e narrativa explorados em uma dissertação de mestrado. O estudo evidencia o modo como as **leituras-experiências** integram as narrativas dos professores da Educação do Campo. A pesquisa fundamenta-se em Foucault (2017), Larrosa (2002/2004) e Lispector (2013/2014), possibilitando reflexões, explicitando, assim, a necessidade de tecituras de memórias que atravessam as experiências da docência do Campo. Metodologicamente, o estudo se utilizou de uma bricolagem, por caracterizar-se como pesquisa com abordagem pós-estruturalista, que transita no espaço aberto das diferenças. Os resultados apontam para os seguintes tópicos: descrição de alguns conceitos de leitura, experiência e narrativa sob a perspectiva da Educação do Campo; questões sobre subjetivação, as quais perpassam as “leituras-experiências” e as narrativas que compõem as memórias dos professores do Campo e; a experiência leitora enquanto narrativa potente e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; experiência; subjetivação; narrativa.

ABSTRACT

This article describes some of the concepts of reading, experience and narrative explored in a master's thesis. The study shows how the **reading-experiences** integrate the narratives of the teachers of Field Education. The research is based on Foucault (2017), Larrosa (2002/2004) and Lispector (2013/2014), enabling reflections, thus explaining the need for weaving memories that cross the experiences of teaching in the countryside. Methodologically, the study used a bricolage, as it is characterized as research with a post-structuralist approach, which transits in the open space of differences. The results point to the following topics: description of some concepts of reading, experience and narrative from the perspective of Field Education; questions about subjectivation, which permeate the "reading-experiences" and the narratives that make up the memories of the teachers of the Countryside and; The reading experience while.

KEYWORDS: reading; experience; subjectivation; narrative.

RESUMEN

Este artículo describe algunos de los conceptos de lectura, experiencia y narrativa explorados en una tesis de maestría. El estudio destaca la forma en que las **lecturas-experiencias** integran las narrativas de los docentes de Educación Rural. La investigación se basa en Foucault (2017), Larrosa (2002/2004) y Lispector (2013/2014), posibilitando reflexiones, explicando así la necesidad de tejidos de memorias que atraviesen las experiencias de enseñanza en el campo. Metodológicamente, el estudio utilizó un enfoque de bricolaje, ya que se caracteriza por ser una investigación con un enfoque postestructuralista, que se mueve en el espacio abierto de las diferencias. Los resultados apuntan a los siguientes temas: descripción de algunos conceptos de lectura, experiencia y narrativa desde la perspectiva de la Educación Rural; preguntas sobre la subjetivación, que permean las “lecturas-vivencias” y las narrativas que configuran las memorias de los docentes de Campo y; la experiencia de lectura como una narrativa poderosa y transformadora.

PALABRAS CLAVE: lectura; experiencia; subjetivación; narrativo.

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Brasil. Orcid: [0000-0002-2806-9726](https://orcid.org/0000-0002-2806-9726)

² Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Brasil. Orcid: [0000-0003-3517-1953](https://orcid.org/0000-0003-3517-1953)

FIOS INTRODUTÓRIOS

O presente artigo se constitui em um recorte da dissertação intitulada “Leituras, experiências e narrativas: fios que tecem o professor do campo” (Doninelli, 2021)³. Trata-se de um estudo bibliográfico e de bricolagem que priorizou uma das possíveis leituras da referida dissertação. No estudo em questão, a autora buscou descrever os conceitos de **leitura**, **experiência** e **narrativa**, que se constituíram como foco de suas reflexões e análises. Os conceitos que atravessam a referida escrita reverberam em uma potente experiência leitora que narra as memórias e as práticas de docentes da Educação do Campo, nesse sentido, tais reflexões são condizentes com o tema geral da Revista Literatura em Debate e, em especial, atende ao tema proposto por esse dossiê por tratar justamente da pluralidade de olhares no que tange à leitura e/ou às suas práticas, o que poderá contribuir efetivamente para repensarmos políticas públicas e a própria formação do leitor em todos os níveis de escolaridade.

A referida investigação priorizou a análise dos conceitos de leitura, experiência e narrativa na perspectiva das práticas e efeitos da leitura dos professores da Educação do Campo. À vista disso, a autora se colocou como participante da pesquisa, considerando seu *lócus* de trabalho – o Campus de uma Universidade Federal. Como recurso metodológico, utilizou-se de conversas formais (entrevistas) e informais (convivências e trocas de experiências) com os licenciandos e egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A reflexão dos conceitos de **leitura**, **experiência** e **narrativa** foram constituídos pelo viés teórico sustentado por Foucault (2017), Larrosa (2002/2004), Lispector (2013/2014). Metodologicamente, Doninelli (2021), valeu-se de uma bricolagem, ensejando tecer os fios que atravessaram os seus estudos, enquanto discente e docente, movimentando os seus pensamentos, durante o mestrado profissional em Educação, na perspectiva das subjetivações que afloraram suas memórias quanto à “leitura-experiência” (Doninelli, 2021, p. 76). Sua **leitura-experiência** permitiu estranhamentos e reflexões em relação às demais leituras e narrativas e às memórias dos docentes da Educação do Campo, participantes da pesquisa.

A escrita potente de Doninelli (2021) evidencia a motivação para que o leitor entenda que as suas percepções de leitura se constituem fios tecidos em experiência e carregados de significações. Com essa compreensão, o professor transbordado de suas memórias de leituras,

³ A referida pesquisa, produto da escrita da dissertação, recortada para constar neste artigo foi realizada pela pesquisadora Mariana de Andrade Doninelli, vitimada pelo Sars Cov2 — Covid-19, que nos deixou dias antes de sua apresentação final para o recebimento do título de mestra em Educação. Dado a consistência e qualidade da pesquisa desenvolvida, os autores desse artigo fizeram o fechamento do estudo e levaram para a apresentação à banca final, a qual aprovou a dissertação, concedendo à autora, de forma póstuma, o título de Mestra em Educação.

seja enquanto discente e/ou docente, interpreta e rememora as suas práticas no ambiente escolar e fora dele, constituindo-se por narrativas atravessadas por símbolos e significações.

Com o propósito de fazer reverberar o qualificado estudo de Doninelli (2021), seus pensamentos, análise e achados, o presente artigo está organizado em seções. Em um primeiro momento, tece os fios introdutórios que apresentam a intenção de pesquisa. A seguir, discorre sobre os fios que tecem as leituras. Na sequência, o texto apresenta os fios que tecem a experiência leitora e, por fim, reflete a tecitura dos fios narrativos das leituras-experiências.

Desse modo, o presente artigo perpetua o desejo expresso pela pesquisadora de que a leitura crie memórias e experiências significativas. Assim, sentimo-nos motivados a compor essa escrita que atravessa o tempo-espaço e rememora os primeiros ensaios do estudo da autora.

FIOS QUE TECEM AS LEITURAS

A experiência da leitura se torna algo intrínseco na vivência dos sujeitos. Ler as diversas etapas da vida significa um eterno devir, entendendo que o fazer da leitura de hoje é atravessado pela leitura do passado. A eficácia dos simbolismos e significações que damos à leitura enquanto fluxo permanente nas experiências humanas requer abertura para o desconhecido e para o que já vivido, fazendo **apresentar-se** as subjetividades mais interiores de cada indivíduo.

Entretanto, conforme Lima e Faria (2021, p. 24), “sabemos que vivenciar esses processos de deslocamento não é algo que se opere de maneira simples ou mesmo sem uma certa parcela de sofrimento”. Ler se torna um ato permanente de deslocamento de si para abraçar o inesperado.

Por conseguinte, a leitura se conecta com a ação simbólica do **aparecimento** no humano, ou seja, conecta-se com a capacidade dos sujeitos se auto revelarem em perspectiva inacabada e em permanente transformação das realidades existentes. Freire (2003, p. 9) diz que:

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Nesse sentido, Freire (2003) se conecta com a leitura em sua diversidade de formas e simbolismos e a capacidade de entendimento de que o ato de ler requer abertura para a ‘novidade’ que aparece sempre quando os sujeitos se colocam à disposição dessa.

A “leitura do mundo” (Freire, 1977, p. 68), da qual nos fala Freire, torna-se carregada de símbolos forjados nas vivências humanas. O ato de ler requer permanentes ensaios, que transbordam nas subjetividades e convidam a perene capacidade de (re)ler a própria vida. Ler as realidades vai exigir dos sujeitos “conhecimento novo, que, indo mais além dos limites do

anterior, desvela a razão de ser dos fatos, desmistificando, assim, as falsas interpretações dos mesmos” (Freire, 1977, p. 23).

Quando a pesquisadora evoca em seu estudo o conceito de leitura, retoma a tese de Lemos (2013, p. 118) ressaltando que: “[...] ler é pôr em jogo o corpo, a inscrição num espaço, as relações consigo e com o outro”. Nisso, Doninelli (2021) compreende que fazer a leitura é pôr-se em permanentes jogos que são determinados por relações consigo mesmo e com o outro. Para a autora, “o ato de ler tem implicações que vão além da leitura em si, atravessando escolhas, pensamentos, relações, etc” (Doninelli, 2021, p. 19). A leitura se concretiza nas diversas possibilidades de fazer memória e tecer fios que se (inter)ligam com a própria história e com a história do outro em diferentes momentos da vida.

Doninelli (2021), como pesquisadora vinculada à abordagem pós-estruturalista, reflete a leitura como um **espaço** de interações que transbordam em caminhos já trilhados, mas que se enchem de possibilidades quando revisitados. Conforme a autora, “[...] pode ziguezaguear entre novos, velhos e outros caminhos, fazendo experimentações, criando novas possibilidades de pesquisa, cruzando as fronteiras do já feito/dito/pensado [...]” (Doninelli, 2021, p. 59-60). Segundo ela, quando nos dispomos a fazer a leitura, torna-se necessário nos abrir ao que o texto nos apresenta e (re)criar novos jeitos de torná-la possibilidades em nossa subjetivação. Abrir-se para novas (re)leituras daquilo que já foi lido e interpretado fortalece e redimensiona as subjetividades.

Ler é tornar possível as diferentes formas de abraçar-se e abraçar o outro. Segundo Doninelli (2021) a leitura precisa viabilizar novos contextos, libertando-se das **verdades absolutizadas e ensimesmadas**. O que a autora sugere é que a leitura corra os riscos de novos aportes de mensagens e de provimento para o amadurecimento humano. O caminho da leitura precisa conduzir às novas ideias, libertando-se das da interpretação totalizadora evocada na visão de unidade e de essência (Doninelli, 2021).

A compreensão da pesquisadora quanto à leitura está em que “[...] A experiência prescinde das “velharias científicas e filosóficas” (Doninelli, 2021, p. 73 apud Lispector, 2013, p.19). Nesse sentido, Doninelli (2021, p. 73) diz que

minhas experiências de leitura, assim como meu pensamento que se dá a partir delas, constituem o meu interior e são inalcançáveis, existem sem palavras, são algo como uma atmosfera indizível e intransmissível. É impossível reviver a mesma experiência sofrida nas leituras ao tentar escrever sobre elas, uma vez que a experiência não é da ordem da reprodução, mas sim da singularidade.

A pesquisadora reafirma a intenção de compreensão da leitura como algo que não está atrelado ao **dogmatismo** ou à busca de **verdades absolutas**. Pelo contrário, o pensamento leitor

se concretiza na constituição do inacabado, do inalcançável, do indizível e do intransmissível. Segundo Doninelli (2021), a leitura está na ordem das experiências em fluxo constante, o devir, e os sujeitos se tornam incapazes de fazer a mesma experiência duas vezes. Para a autora, o movimento da experiência leitora remonta permanentemente a singularidade, ou seja, o protagonismo das novas ideias.

Na perspectiva de afastamento das **velharias absolutistas**, a pesquisadora recorre à ideia da literatura enquanto pensamento que se abre à problematização da reflexão sobre a vida. Problematizando o pensamento, Doninelli (2021) se abre para “[...] trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento [...]”; “[...] um exercício de si no pensamento” (Doninelli, 2021, p. 74 apud Foucault, 2017, p.14). Essa ação norteadora na prática leitora refletirá em novas compreensões e significados diversos, que possibilitará as novas concepções subjetivadas de mundo.

Conforme Doninelli (ibidem),

é preciso distanciar-se da concepção de ciência atrelada à ideia de “velharias científicas”, implicada na perpetuação da verdade, para dar lugar à ciência enquanto processo que foge à lógica do jogo entre o verdadeiro e o falso; que foge, enfim, à pretensão de alcançar qualquer verdade ou resultado definitivo, abrindo espaço para as problematizações. Esse caminhar filosófico e científico, que constitui a caixa onde repouso as minhas ferramentas, pressupõe que a pesquisa terá, como norteadora, teorizações e conceitos específicos, que estão depositados lá dentro.

Na complexidade do entendimento de que o exercício da leitura precisa ser forjado na capacidade de abertura aos processos que problematizam o pensar e não se fixam em ideias fundamentalistas, Doninelli (2021) propõe o caminho de “pensar a leitura como possibilidade de experiência” (Doninelli, 2021, p. 76). Recorrendo à Lispector (2014), a pesquisadora entende a leitura e a escrita como “um ato de coragem [...] a coragem de ser outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo” (Doninelli, 2021, p. 76 apud Lispector, 2014, p.84), a coragem de se pensar como um corpo em movimento, inacabado e disposto a acolher o novo.

A consciência de que o seu **lugar** de pesquisa se faz prioritariamente em seu *lócus* profissional, Doninelli (2021) buscou, nas pedagogias do campo, um jeito de recolher aquilo que conceituou como **fios de leituras**, que se constituem nas memórias e na subjetivação dos sujeitos participantes da pesquisa. Nesse sentido, a autora fez emergir o que os participantes da pesquisa dizem a respeito da experiência leitora nas diferentes etapas de suas vidas.

A seguir, trazemos alguns recortes de **falas** dos participantes da pesquisa que corroboram para o processo de conceituação de Doninelli:

Aluna que motivou a pesquisadora no construto de sua pesquisa: [...] “encher as prateleiras”. A partir daí passou a ler muito e a consultar o dicionário, buscando e anotando os significados das palavras que lhe eram desconhecidas. [...] Hoje relata que adora ler e que sonha em ser professora, caminho formativo que já está seguindo na graduação [...].

Ema – [...] eu nunca tive, assim, **peessoas pra fazerem leitura pra mim**. Eu **sempre quis aprender**, então eu tentava... [...] eu tinha muito gibi em casa, sem saber ler ainda, então só olhava as figuras ali e a minha vó materna ela não sabe ler. Agora ela já sabe, mas ela não sabia ler quando eu era criança e tal e eu lembro isso, assim, muito vivo na minha memória que o maior sonho que eu tinha era o de aprender a ler para poder ensinar ela. Eu queria ensinar ela, eu achava assim: “**Meu Deus, como que a vó não sabe ler?**” [...]

Júlia – [...] o primeiro livro que eu tive foi com 6 anos. Ganhei de alguém, era uma história da abelhinha, até um tempo atrás eu ainda sabia da história [...]. E esse livro, pra mim, foi bem marcante, sabe? **Eu tava no processo de aprender a ler** [...].

Luiza - [...] Eu acho que, antes, **eu gostava muito mais [de ler]** porque era uma coisa não tão obrigatória, né. [...] eu digo, assim, as **minhas leituras**, antes, eram leituras de receitas (risos), projetos de boneco e hoje não, né.

Isabela - [...] **Gostava muito de livros** que tinham mais figuras de bichinhos, de coisas assim, então normalmente **eu pegava sempre o mesmo livro**, várias vezes, pra reler histórias em função das imagens.

Gustavo – [...] **Eu lia mais** o que foi exigido. [...] durante a formação, o que **foi importante foram as leituras** [de] Paulo Freire, Kant, Piaget, Goldmann... (grifos nossos)

Os relatos de leitura dos participantes, durante as entrevistas realizadas pela pesquisadora, remontam a necessidade de enfatizar a experiência leitora na perspectiva dos docentes da Educação do Campo. Para Doninelli (2021), ler se constitui em um ato de tecer fios de memória que atravessam as diferentes etapas da vida e, em suas perspectivas, são (re)lidas nos diversos contextos das subjetividades. De certa forma, o desejo da pesquisadora é que cada docente do Campo se coloque em risco como leitor. Tenha em seu coração e nervos a sensação de um choque elétrico que os faz percorrer caminhos de leituras que os desloque daquilo que já são e ainda desejam ser.

FIOS QUE TECEM A EXPERIÊNCIA LEITORA

A leitura é encharcada pelas experiências significativas deixadas pelo escritor, na marca de seu texto, assim como se constitui o convite para a realização de novas e marcantes experimentações tecidas pelo olhar do leitor. Essas experiências repletas de significações torna o ato de ler ainda maior em sua escrita assim como nas diversas formas de apropriação do texto.

Dessa forma, torna-se possível pensar a leitura como um ato **formativo e de-formativo**, entendendo a capacidade que a leitura tem de **trans-formar** as experiências de vida. Sob o ponto de vista de Larrosa (2002), o ato da leitura se torna parte do processo formador de cada

sujeito, pois, para o autor, “a leitura [...] tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos” (Larrosa, 2002, p. 134). A formação leitora nos sujeitos torna as experiências sociais mais diversificadas e capazes de refletir os diferentes olhares sobre o mundo vivido.

Dessa forma, Larrosa (2002, p. 136) afirma que “para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade. E se poderia pensar essa relação como uma experiência”. O acolhimento da leitura, por parte daquele que se coloca em atenção leitora, contribui para que o processo formativo aconteça de forma subjetiva em cada sujeito. Os diferentes olhares para o mesmo texto provocam a transformação dos sujeitos que, por sua vez, transborda em experiências.

Conforme Doninelli (2021, p. 16), “experiências de leitura” são aquelas que se caracterizam como significativas para o leitor e que, portanto, podem ser associadas à **leitura como experiência**. Nesse sentido, a pesquisadora entende que, nas diferentes formas como o leitor experimenta o texto, ficam implícitas as suas memórias. Essas memórias são transbordadas por simbolismos que (re)significam as experiências já realizadas.

Doninelli (2021, p. 75) entende que

como leitora ávida, acredito já ter feito algumas experiências em minha trajetória de vida e de leitura, inclusive a partir desses autores com os quais compartilho essa escrita. Nela, as palavras de Foucault, Larrosa, Lispector e minhas próprias palavras se (con)fundem, dando corpo a este texto, enquanto possibilidade entre tantas outras escritas que seriam possíveis a partir das lentes desses pensadores e de outras pessoas que se propusessem a escrevê-lo, a partir de suas próprias experiências.

As possibilidades de imersão na leitura promovem as respostas diversificadas. Em seu tempo, o leitor poderá ler e retornar a mesma leitura com posturas diferentes e essas lhe possibilitarão novos olhares sobre sua própria existência. O que Doninelli (2021) explicita é a possibilidade de o leitor fazer experiências diversificadas explorando novos contextos, partindo das experiências já realizadas anteriormente por ele misturadas às experiências vividas pelo próprio escritor do texto.

O ato de se pensar e (re)pensar-se como sujeito embebido de experiências faz com que Doninelli (2021) entenda a leitura como caminho para esse acontecimento. Para a autora, o caminho deverá ser percorrido pelo sujeito como em uma experiência de catarse, ou seja, o leitor, à medida que avança em sua experiência leitora, vai abandonando o antigo jeito de ser para acolher em si a **novidade** do outro. É como a experiência de abandono do “corpo antigo” (Doninelli, 2021, p. 76 apud Lispector, 2014, p. 84). A pesquisadora atenta, então, para um deixar as antigas subjetividades para abraçar as novas.

Doninelli (2021) pensa a relação leitura-sujeito-experiência com base na experiência corporal. Um corpo imbuído de existência e marcado pelo simbólico sempre **inacabado e a caminho de**. Um corpo tecido pelas marcas de sua existência embrutecida e ao mesmo tempo lapidada pela experiência já vivida. Um corpo arrancado de si e transposto para além de suas próprias expectativas. Um corpo desprendido de si e aberto ao que poderá vir a ser. Um corpo-devir, sempre ansioso pelo desejo de novos acontecimentos.

Compreendendo que a leitura poderá provocar marcas na existência humana, Doninelli (2021) afirma, a seguir, que nem toda leitura se torna experiência. Provocada pela leitura de Larrosa, a pesquisadora pretende que os sujeitos leitores sejam tocados por suas vivências leitoras e que essas marquem os seus afetos e produzam efeitos em sua existência. No entanto, a pesquisadora compreende que nem todo sujeito abrirá espaço para essa provocação, o que ocasionará em si a inexistência da leitura-experiência.

Como entende Doninelli (2021, p. 77), “a leitura-experiência é aquela que nos alcança e nos captura, modificando-nos. A leitura que se constitui como experiência está implicada na (trans)formação do sujeito, sendo uma prática, dentre tantas outras, que faz dele quem ele é”. Influenciada pelos pensamentos da leitura de Larrosa (2002a), a pesquisadora afirma que “pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas, também, com aquilo que ele é” (Doninelli, 2021, p. 77 apud Larrosa, p. 133). A pesquisadora, nesse sentido, concebe a leitura-experiência como caminho para o amadurecimento das subjetivações no sujeito, desencadeando pensamentos que os conduzem às novas formas de vida.

Corroborando Foucault (2013), a pesquisadora entende que “a experiência é algo que arranca o sujeito de si mesmo, desprendendo-o de quem ele era, levando à sua dissolução ou aniquilamento (Foucault, 2013a). A leitura como experiência compreende, então, um vir a ser outro” (Doninelli 2021, p. 77 apud Foucault, 2013, p. 291). Em uma experiência-limite, Doninelli (2021) reforça os pensamentos de Foucault na intenção de antecipar a leitura-experiência como espaço de desconstruções e reconstruções permanentes da subjetivação dos sujeitos.

Para que o movimento de desconstrução e reconstrução se efetive nos sujeitos, ao longo da leitura, Doninelli (2021) prevê o **acontecimento** da escuta, para que as experiências possam se assentar adequadamente enquanto subjetivações. A pesquisadora afirma que é preciso parar em meio às correrias cotidianas, para que se efetive o ato da leitura que conduz à escuta, ao sentimento e ao experimento daquilo que o texto se propõe a **dar a ler**. Doninelli (2021) corrobora com Larrosa (2002a) quando afirma que “a pressa, a falta de tempo, o excesso de

trabalho, o excesso de informação e de opinião, bem como a falta de silêncio e de memória são[...], inimigos da experiência” (Doninelli, 2021, p. 78).

Nesse caminho de fazer a experiência leitora, com base no texto que lhe é oferecido como caminho, Doninelli (2021, p. 79) diz

fazer a experiência é “atingir o ponto máximo” em relação ao que o outro nos oferece, seja esse outro uma pessoa, um texto, livro, objeto ou outra coisa. É abrir-se para esse outro, permitindo-se ser tocado, alcançado ou atravessado por ele. Fazer a experiência “para a qual a gente nasce” é permitir-nos modificações no transcurso da vida, do tempo e das situações, é sairmos transformados como outro que até então não éramos.

A experiência que o sujeito é capaz de realizar, a partir da sua relação com um texto, um livro, um objeto, ou mesmo outra coisa, faz com que Doninelli (2021) se permita dizer do transcurso de desconstrução e reconstrução das subjetividades humanas. Esse se torna um caminho a qual devemos nos propor a seguir sem medo e sem reservas, permitindo os encontros e os desencontros conosco. Conforme a pesquisadora, esses encontros e desencontros não cessam, pelo contrário, o processo se torna contínuo e permanente. Ele se projeta na dimensão de (re)invenção dos sujeitos, não havendo uma essência humana que determine o que e quem somos.

Pensando a prática docente no Campo, Doninelli (2021) se coloca em perspectiva. Sua intenção como sujeito que pesquisa e escreve sobre a Educação do campo se projeta na leitura que o outro lhe possibilita. Sendo assim, os licenciandos e egressos que participam dessa experiência com a pesquisadora realizam as suas trocas na mesma perspectiva que a mesma, porém por caminhos diferenciados que os moldam e transformam. A seguir, alguns recortes de **falas** dos participantes da pesquisa emolduram todo o processo de conceituação a qual a Doninelli se propôs.

Ema – [...] **Não tive muito contato**, na infância, **com a leitura**. Foi depois, na adolescência mesmo, alguma coisa mais no sentido *teen* mesmo, de adolescente, uma coisa assim. [...] **o principal** ali, pra mim, foi do **Jorge Larrosa**, que pra mim foi um marco, que foi um divisor. Pra mim ele tá... eu cito ele no meu TCC, eu cito ele agora no mestrado, que [é] o “**Escritos sobre experiência**”. Quando eu li o “**Escritos sobre experiência**”, ele mudou pra mim, assim.

Julia – [...] E daí, na escola [nome da escola], **eu tinha uma biblioteca** e eu sempre me dei bem com os professores que estavam ali. **Eles foram bem marcantes**, assim, pra mim e **isso fez com que eu sempre tivesse livros**. [...] Muita coisa a gente não lê, muita coisa a gente passa o olho. Mas **um livro**, assim, que **fez toda a diferença**... [...] “**Pedagogia da Autonomia**”. Ai, né, virou um casamento (risos). Eu brinco que meu marido dorme com a [rádio] Gaúcha do lado, eu com Paulo Freire do outro.

Luiza – [...] no início **eu achava que eu tinha uma facilidade**, né, com as leituras. Depois, **quando eu comecei a ler livros mais densos**, né, de filósofos, eu **precisava reler** às vezes três vezes aquilo ali. [...] **esse livro**, que foi o “**Ofício de Mestre**”, do Miguel Arroyo [...] o Miguel Arroyo era um autor muito citado sempre, por vários

professores nossos [...] e **eu comecei a gostar, a me aperfeiçoar**, como diria, por ele e então foi um livro que me tocou bastante, esse “**Ofício de Mestre**”.

Isabela - [...] Então, todas **as leituras que me constituem, hoje**, foram [realizadas] durante a **graduação**; as leituras e coisas que fui fazendo ao longo do curso. [...] a gente lê, mas normalmente **a gente não lê** e compreende aquilo que está lendo. **O processo de leitura que se faz**, na verdade, a gente acaba lendo sem se apropriar, de fato, do que está lendo. [...] **a leitura, hoje, é outra**.

Gustavo - [...] com o **tempo** que eu **adquiri**, com estudos, **com leitura**, a minha própria **formação** na Educação do Campo; [...] **ela me deu uma bagagem**. (grifos nossos)

A experiência de escuta, durante o período das entrevistas, fez com que Doninelli (2021) aprimorasse os seus conceitos quanto ao caminho que percorreu nos vários meses de leitura e de aprendizagens realizados nos livros que leu. Agora a pesquisadora fez o movimento para aprender com aqueles para os quais escrevia. Todavia, Doninelli, em vida, fez vários relatos do quanto estava entusiasmada com a sua pesquisa e o quanto isso lhe valia de experiência para a vida pessoal e profissional.

Nas **falas** dos participantes da pesquisa, é possível perceber que o marco de suas experiências acadêmicas e profissionais está na capacidade de acolhimento por meio da leitura. Observa-se que os participantes, assim como Doninelli, passaram pelo processo de desconstrução e reconstrução de suas experiências leitoras como sendo um corpo antigo largado ao chão (Lispector, 2014).

FIOS NARRATIVOS DE LEITURAS-EXPERIÊNCIAS

Narrar se torna uma ação permanente da subjetivação dos sujeitos. Aquele que narra tem algo a dizer: as experiências se tornam narrativas de si e do outro. O sujeito que narra conscientiza-se das leituras cotidianas que perpassa sua subjetividade. Suas ações e movimentos hodiernos provocam os efeitos necessários para que aconteçam as narrativas.

A narrativa possibilita a revisão. Os sujeitos que narram se colocam em expectativa e, nesse sentido, abraçam os desafios de ler o que foi experimentado. Narrar a vida se torna um campo fértil de ressignificações permanentes. Aquele que lê a própria vida se deforma, deixa-se moldar e se transforma. A leitura das experiências permite aos sujeitos narrativas que convidam a abraçar um novo jeito de ser, de ver, de sentir e de agir.

Doninelli (2021, p. 84) afirma que durante a sua pesquisa procurou ver

como a ferramenta da leitura opera *com* ou *sobre* os sujeitos; de que modo produz, nesses sujeitos, certas experiências e que efeitos essas acarretam suas constituições docentes. Entendo que nem toda leitura se constitui como uma experiência; compreendo que a subjetivação pela leitura pode se dar pelo assujeitamento ou de forma ética.

Acredito que, quando uma leitura se constitui como experiência, o sujeito acaba por escolher vincular-se a ela, buscando formas de se relacionar consigo e com o outro a partir do sentido que dá ao que leu.

Acolher o que foi lido, enquanto vivências cotidianas, torna-se ferramenta para a subjetivação humana. O sujeito que faz a leitura da própria vida experimenta novas relações consigo e se abre para o outro. Doninelli (2021) compreende que a leitura se torna uma ferramenta para novos contextos. Ler aprofunda nos sujeitos a sua subjetivação, significando um assujeitamento aos contextos que lhe são possibilitados. Nesse sentido, com base em Larrosa (2004), Doninelli (2021, p. 126) entende que “somos seres que ouvem e contam histórias e, nesse movimento, afirmamos nosso pensamento e damos sentido a quem somos”.

As narrativas que construímos com base nas leituras que fazemos nos moldam e nos lançam às relações com as narrativas emitidas pelo outro. Nessa perspectiva, Doninelli (2021, p. 127), entende que

podemos dizer que as histórias que contamos, para nós mesmos e para os outros, compreendem um emaranhado de histórias que se entrelaçam e as narrativas carregam as marcas desse emaranhado e trazem à tona, por meio dos enunciados, as formas de ser e de viver dos sujeitos ao mesmo tempo que as constituem, ao (res)significá-las.

A pesquisadora referencia Larrosa (2004) ao dizer que nossas subjetividades são possibilitadas pelas leituras que fazemos e pelas histórias que ouvimos. Conforme Doninelli (2021), as narrativas históricas se entrecruzam proporcionando vivências ressignificadas que causam marcas de constituição nos sujeitos.

Quando Doninelli (2021) retorna ao diálogo com a docência da Educação do Campo, traz consigo a leitura daquilo que já lhe foi oportunizado ver e sentir. Nesse sentido, a pesquisadora corrobora Lemos (2013) quando compreende que o passado é carregado de experimentos que podem oportunizar novas reinvenções no presente. Quando pensa na trajetória do professor do Campo, Doninelli (ibidem) entende que

ao relatar parte de suas trajetórias e histórias de leitura, os professores do campo se tomam como objeto de atenção para si mesmos, recriando o passado a partir do olhar do presente, atribuindo significados para essas leituras e reconstruindo sua relação com elas. Assim, a partir do momento em que, ao converter seus olhares para si mesmos, rememorando leituras e tentando relacioná-las às suas vidas e práticas docentes, colocam-se em movimento, recriam-se como leitores, sujeitos e professores.

Olhando para as diferentes etapas de suas vidas, estudos acadêmicos e suas trajetórias profissionais, os professores do Campo recriam, com base em seu passado, novas narrativas que poderão lhes possibilitar novos recomeços quanto às suas práticas cotidianas. A leitura da

vida e o ato de narrar os acontecimentos de suas trajetórias pessoais e profissionais foram o que possibilitou à pesquisadora a riqueza de seus estudos e a arte de **fabular** seus pensamentos e a sua escrita na dissertação.

Doninelli (2021) compreendeu que, à medida em que os participantes da pesquisa puderam explorar as suas narrativas, durante o processo das entrevistas, também puderam revisar seus conceitos, suas trajetórias e suas potências leitoras. Permitindo-se escutar as narrativas dos licenciandos e egressos do curso de Educação do campo, a pesquisadora pode enaltecer as narrativas leitoras das referências teóricas, da qual fez uso no processo da escrita de sua dissertação.

Segundo Doninelli (2021, p. 129), “as narrativas que tecemos não estão à margem da cultura, mas, pelo contrário, dependem das histórias que perpassam a cultura”. Nesse sentido, compreende-se que a cultura é fruto da ação leitora e das experiências que se tornam narrativas. O ato de ler e reler histórias, de interpretá-las, de rememorá-las criam nos sujeitos condições para que narrem de muitas formas a história de si e do outro.

De acordo com Larrosa, a pesquisadora diz que “a história das práticas discursivas da autonarração é também uma história social e uma história política” (Doninelli, 2021, p. 129 apud Larrosa, 2004, p.21). Com essa percepção, Doninelli (2021) entende que as práticas docentes dos professores do campo estão firmadas no processo cultural que se torna enriquecido por suas leituras-experiências e por suas narrativas. Esse processo é histórico, portanto, datado, localizado e carregado de força em relação a saber e poder.

Doninelli (2021, p. 130) entende que

ao mesmo tempo em que narram, os sujeitos interpretam e reelaboraram suas histórias e a si mesmos, em certa medida. Assim, abrir uma brecha para a narração significa trabalhar em um esburacamento daquilo que parecia solidificado, na medida em que significa fissurar as bases de quem o sujeito é para que ele possa vir a ser outro, pensar outras coisas, inventar-se de outros modos. [...] penso na narrativa como criação de nossas histórias e, portanto, de nós mesmos; penso na narrativa como possibilidade de (re)elaboração de si, como prática de subjetivação na medida em que provoca o pensamento. Entendo que, ao narrar esse personagem que é ao mesmo tempo ele mesmo, o narrador lhe dá vida, construindo para si modos de ser e de viver.

O entranhamento do ato de narrar e de reelaborar as histórias propiciam nos sujeitos **brechas** e **esburacamentos** que desfazem a ideia de solidez. Para Doninelli (2021), a narrativa é sempre criação, pensar de novo, contar histórias de outras maneiras, experimentar a vida por muitos ângulos e pelas lentes de *outrem*. Desafiar o professor do Campo a fazer a memória de suas leituras-experiências torna-se um caminho para que ele possa se reinventar em suas

práticas cotidianas. O eco e os efeitos de suas narrativas produzem novas possibilidades de leituras-experiências que perpassam as diversas constituições do ser professor.

Compreender os professores do Campo como sujeitos do presente, que realizam suas leituras-experiências, de acordo com Doninelli (2021), oportuniza que suas narrativas contem histórias. A pesquisadora salienta que histórias abertas, de criação contínua, provocam novas narrativas e recontroem a si e àquele que as escuta. Todavia, Doninelli (2021) enseja dos professores do Campo narrativas que se tornem invenção, que transbordem sentimentos, posicionamentos e ações de desconstrução e reconstrução de si e do outro.

A seguir, alguns recortes de **falas** que expressam as narrativas dos professores do Campo e evocam o sentimento de Doninelli (2021) quanto às práticas docentes.

Ema – [...] Eu queria estar ali, **eu queria muito estar ali**, então por isso que eu era a louca dos livros, vivia lendo 500 coisas ao mesmo tempo. Tinha um texto pra ler, eu lia, relia; eu queria entender mesmo, sabe? O que eu tava fazendo, pra mim **sempre foi um sonho** fazer o que eu tava fazendo, que **era estudar**, né, e essa oportunidade veio bastante tardia, mas aí então eu resolvi aproveitar. Eu tava deixando uma família em casa, eu tava deixando uma escola ali sem a minha presença, sabe, então eu tinha que aproveitar aquele tempo ...

Julia – [...] Agora, há 10 anos atrás, **eu retornei para o campo** [...] e daí, nessa função, eu passei por alguns problemas de saúde e eu sempre lia. **Eu sempre tive livros** do meu lado. Eu lembro que, quando eu passei por um problema de saúde, eu lia... acho que aquele... foi na época daquele “A garota que roubava livros”, “O menino do pijama listrado” – acho que é esse o nome, né? E **então entrou a Educação do Campo na minha vida**.

Luiza – [...] Lendo isso, eu entendi que, quando estava escrevendo meu memorial, tentava me lembrar do nome dos professores que eu tive, mas **somente me lembrava das escolas**. Realmente me dei conta de que se **valoriza a instituição e não o educador**, o recurso humano, que é o sujeito da ação educativa, a referência que deve ser lembrada. [...]E, hoje, durante esses quatro anos de graduação, eu digo que **eu tive mestres** mesmo, pessoas que marcaram a minha vida, que **marcaram a minha trajetória**, que fizeram eu me modificar em algumas coisas. Então, hoje, eu digo que eu vou me lembrar para o resto da vida desses professores, não tem como esquecer.

Isabela – [...] por isso que **a leitura é dolorosa** nesse sentido, porque você deixa de lado algumas coisas, se apropria de outras e começa um caminho mais longo e difícil, por sinal. [...] **hoje eu sei aquilo que eu quero ler**, então eu sei qual é a linha que eu gosto de ler e aquilo que eu sinto prazer em ler. Esse processo todo **me deu essa consciência**, mas ainda me considero alguém engatinhando na leitura e entendo que precisaria ler muito mais, muito mais mesmo,...

Gustavo - Eu saí cedo de casa. Eu **comecei a trabalhar com 7 anos**, cedo, pra me sustentar. E aí eu tive que estudar à noite, e eu morava com a minha avó. **A minha vó não deixava eu estudar de noite** porque tinha que apagar a luz porque saia caro. Eu acendia uma vela [...] pra eu fazer [as tarefas de estudo]. [...]E a **construção do conhecimento**, ele **não é imposto**, não pode ser imposto. [...]Então, **professor transforma vidas**, ele transforma os sujeitos. (grifos nossos)

Escutando o que os professores do Campo tinham a dizer quanto às suas experiências leitoras, Doninelli (2021) teve a oportunidade de ser a primeira a testemunhar a sua própria escrita. Em meio a tantas leituras teóricas de referências tão importantes para o ambiente da

Educação, a pesquisadora foi ao encontro das leituras-experiências narradas com a própria vida. Lispector, Larrosa e Foucault foram atravessados pelas narrativas dos participantes da pesquisa. A experiência de Doninelli (2021) foi marcada pelo passado e pelo presente que a oportunizaram o movimento leitor.

Debruçar-se sobre as leituras dos teóricos que escolheu para o caminho de pesquisa e, em segundo momento, colocar-se à escuta dos professores do Campo provocaram em Doninelli (2021) a produção de textos marcados pela própria experiência leitora da pesquisadora. O processo de leitura, experiência e narrativa esteve presentificado em todo o momento nas ações de reflexão e de escrita da pesquisadora. Salienta-se aqui que Doninelli (2021) fez de seus estudos teóricos a sua prática profissional. O movimento de seus pensares e a construção de sua escrita oportunizaram um caminho de fundamentação e de concretização de seus estudos. A pesquisadora vivenciou o que leu e escreveu. Sua subjetivação foi alvo de sua própria e densa pesquisa. Não há dúvidas de que Doninelli **encarnou** suas leituras-experiências e fez delas potentes narrativas, deixando-nos caminhos para prosseguir as nossas.

FIOS QUE ENCERRAM AS TESSITURAS

O artigo abordou alguns dos conceitos de **leitura**, **experiência** e **narrativa** sob a perspectiva de Doninelli (2021). A partir de um breve recorte da dissertação intitulada “Leituras, experiências e narrativas: fios que tecem o professor do campo”, (Doninelli, 2021), buscou resgatar a reflexão da pesquisadora que recorre às referências de Foucault (2017), Larrosa (2002/2004) e Lispector (2013/2014) para fundamentar seus escritos.

Salienta-se que a pesquisadora, motivada por suas memórias de leituras, enquanto acadêmica e profissional da Educação, deteve-se em analisar, as experiências leitoras narradas pelos professores do Campo.

A partir das reflexões provocadas pelas leituras possíveis do estudo em questão, entende-se que a leitura, em suas diversas formas de apresentação, provoca os leitores em suas motivações mais interiores. Nesse sentido, a leitura se concretiza no cotidiano dos sujeitos, evocando experiências abertas e carregadas de significações. O sujeito leitor amplia sua capacidade de percepção do mundo em que vive e se coloca em permanente jogo de interpretação daquilo que lê. Os fios que tecem a leitura impactam os sujeitos, suas memórias e as que se (inter)ligam às memórias do outro.

Cultivando nossas memórias leitoras, poderemos diversificar o olhar que lançamos sobre o mundo e sobre o outro em perspectiva transformadora. Enquanto leitores da própria

vida, os sujeitos podem se permitir as experiências de (trans)formação e de formação, ou seja, abrirem-se às diferentes possibilidades de construção que perpassam suas convicções de mundo, potencializando, talvez, novas ideias.

Enquanto sujeitos em permanente processo de edificação, e aqui defendemos que não somente os professores do Campo, no caso da referida pesquisa, mas também qualquer um de nós, professores, construímos memórias conforme nossas experiências leitoras. Assim, podemos impulsionar outros a ampliarem suas experiências, transformando nossas práticas para que sejam diferenciadas e motivadoras, sobretudo, em relação à leitura. As narrativas tecidas pelos professores participantes da pesquisa, ao remontarem suas trajetórias e realizações enquanto educadores, mostram o quanto se lançam a novas descobertas de si.

Compreendemos que o propósito deste estudo foi o de provocar os leitores, despertando-os para a coragem de narrar suas novas e antigas experiências a partir das leituras projetadas na própria existência. A autora nos deixa um estudo potente e desafiador, pois instiga seus leitores a transbordarem as suas subjetivações entendendo-se dinâmicos e em constante atividade. Permanece o desafio de fazermos a leitura sempre aberta de modo a oferecer espaços para as novas e instigantes leituras do mundo que habitamos.

REFERÊNCIAS

DONINELLI, Mariana de Andrade. **Leituras, experiências e narrativas: fios que tecem o professor do campo**. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, Linha de Pesquisa — Inovação, Diversidade e Memória em Educação), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**; tradução: Maria Thereza da C. Albuquerque. 3.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-21.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.133-160.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002a.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade: a modo de presentación. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.11-22.

LEMOS, Sandra Monteiro. **Seleções do Reader's Digest**: Leitores, leituras, textos e tramas. 2013. 256 f. Tese (Doutorado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LIMA, Sheila Oliveira; FARIA, Tatiele Jesus. Leitura de Literatura no Ensino Fundamental II. **Revista Leitura em Debate**, v. 16, n. 28, p. 22-44, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/3974/3239>. Acesso em: 01/05/2024.

LISPECTOR, Clarice. **As palavras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **O tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Carlos Marcelo Cavalheiro Félix

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS - Litoral Norte. Especialista em Supervisão e Orientação Educacional, pela Faculdade São Luis. Especialista em Gestão Educacional, pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Especialista em Psicopedagogia Institucional, pela Faculdade Dom Bosco/IEB. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade IBRA de Brasília/FABRAS. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas/UCPel. Bacharel em Teologia e em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas/UCPel. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Diversidade Étnico-Racial, Direitos Humanos - GEDERDH/CNPq. É membro da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos - ReBEDH.

E-mail: marcelofelix35@gmail.com

Sandra Monteiro Lemos

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade. Professora Adjunta na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS. Reitora *Pro Tempore* da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

E-mail: sandra-lemos@uergs.edu.br

Artigo recebido em 15/03/2024.

Artigo aceito em 15/05/2024.